

CÂMERAS CLÁSSICAS

para lembrar e colecionar

Rolleiflex

UMA TLR INESQUECÍVEL

Saiba mais sobre ela neste lançamento da Coleção Fotografe de Câmeras Clássicas em que os modelos mais destacados da história estarão ilustrando canecas colecionáveis

Na canção “Desafinado”, João Gilberto canta em um trecho: “Fotografei você na minha Rolleiflex, revelou-se a sua enorme ingratidão...”. A câmera não é citada por acaso, pois na época, em 1958, ela era um ícone da fotografia mundial, a preferida de muitos profissionais de fotografia social, documental e fotojornalismo. Substituta dos modelos que usa-

vam fole, essa TLR (Twin Lens Reflex, ou Reflex de Lentes Gêmeas) produzia imagens de alta nitidez usando filme 120 no formato 6 x 6.

A primeira Rolleiflex foi criada pelos alemães Paul Franke e Reinhold Heidecke em 1929 a partir de uma câmera estéreo, com visor reflex, produzida pela dupla. Colocada na posição vertical com o visor no topo e aproximando as duas objetivas, foi transformada na primeira TLR do mundo. E o sucesso foi tamanho que gerou um monte de cópias – como a também alemã Ikkoflex, a checa Flexaret e a japonesa Yashica Mat, para citar algumas. Mas a original, com um preço mais elevado, nunca teve concorrentes à altura.

O sistema TLR era muito prático e rápido de usar. Com o visor visto de cima, era para ser usada ao nível da cintura, o que produzia um ângulo de tomada ideal para retratos de meio-corpo ou corpo inteiro. Servia perfeitamente para enquadramentos ao nível do chão ou para fotos panorâmicas, erguida acima da cabeça do fotógrafo.

O visor contava com uma exclusiva moldura móvel, rente à tela de focalização, que acompanhava o ajuste do foco. Era indispensável pa-



Laterais da Rolleiflex 3.5 F, de 1958: do lado esquerdo, botões para ajuste de foco e ASA (hoje ISO); do direito, alavanca de avanço do filme

Fotos: Arquivo



Fotos: Autorretrato

Richard Avedon (com Sophia Loren ao fundo), Robert Doisneau e Vivian Maier em autorretratos com suas Rolleiflex

ra a correção da paralaxe causada pelos diferentes ângulos de tomada das duas lentes, principalmente nas fotos a curta distância, a partir de 90 cm – esse útil recurso nunca foi aproveitado pelas concorrentes.

Para avançar o filme, bastava girar a alavanca, na lateral da câmera, com bloqueio automático à prova de múltipla exposição involuntária. Girado no sentido inverso aí sim permitia dupla exposição. Nos modelos mais simples, o filme era avançado por botão, também com bloqueio automático. Já o ajuste de exposição era por meio de dois pequenos discos – de velocidade e de abertura – junto às objetivas. Os valores eram informados em uma pequena janela voltada para cima, sobre a objetiva superior.

O obturador Syncro-Compur, armado pela alavanca de transporte do filme (nas câmeras com o recurso) tinha velocidades que iam de 1s a 1/500s, com sincronismo de flash em todas elas. O disparador, com trava, ficava bem ao alcance do dedo indicador. E, curiosamente, a Rolleiflex gerava menos fotos tremidas, inclusive as produzidas com baixas velocidades do obturador. A explicação era o formato de caixote, que propiciava excelente ergonomia e perfeita sustentação com o uso obrigatório das duas mãos. Atuava ainda o espelho fixo do visor: com o obturador central, o disparo era suave e silencioso.

ÓPTICA IMPECÁVEL

A qualidade das objetivas Carl Zeiss 75 mm f/3.5 e f/2.8, nas ópticas Planar (com nitidez mais suave), Tessar e Xenotar (mais contraste), era impressionante. Fundamental era o visor tipo capuchão em tela com lente fresnel, ótimo para o enquadramento e a focalização sob baixa condição de luz. Para clicar lances de esporte, o capuchão se transformava em um visor esportivo.

Os modelos da Rolleiflex lançados a partir de 1949 chegaram ao mercado mais sofisticados: contavam com fotômetro embutido (em algumas versões) com a fotocélula de selênio à frente do visor, ajustada por meio do ponteiro situado no próprio botão de foco (lado direito da câmera). Sem lentes intercambiáveis, contava com o teleconversor opcional de 0,7x, propiciando um ângulo de visão de 130 mm. Algumas já vinham de fábrica, como a grande angular Zeiss Distagon 55 mm f/4 (lançada em 1951) ou a tele Zeiss Sonnar 135 mm f/4 (de 1959). O kit Rolleikin tornava possível usar filme 35 mm, com o qual a objetiva de 75 mm ganhava o ângulo de visão de uma tele de 225 mm.

Resistente, confiável, imortalizada pela canção “Desafi-

nado”, a Rolleiflex foi uma das melhores câmeras profissionais de todos os tempos, produzindo imagens em P&B e coloridas com uma qualidade jamais alcançada pelas câmeras de filme 35 mm. Ela completa 90 anos em 2019 e, por isso, foi a escolhida para começar a Coleção Fotografe de Câmeras Clássicas, que todo mês colocará à venda (veja o box) uma caneca com o modelo em destaque.

Saiba mais sobre a coleção

Até o final de 2019, a cada edição de *Fotografe* uma câmera que marcou época na fotografia será destacada nesta seção com um breve histórico. Ao mesmo tempo será lançada a caneca da Coleção Câmeras Clássicas com o modelo do mês. Para adquirir esse produto exclusivo, acesse: www.colecaocamerasclassicas.com.br

